

HELDER CÂMARA E OSCAR ROMERO

Reflexões de um historiador sobre dois itinerários pastorais¹

RICHARD MARIN²
Universidade de Toulouse, França

Resumo: O artigo pretende analisar as semelhanças e as diferenças entre as trajetórias pastorais de Mgr Helder Câmara e Oscar Romero, duas das principais figuras da “Igreja dos pobres”. Também se propõe entender as razões que deram origem à conversão social dos dois religiosos.

Palavras chave: Teologia da libertação; Igreja dos pobres; ditadura; Helder Câmara; Oscar Romero; Brasil; Nordeste; Salvador.

Abstract: The article aims to analyze similarities and differences between the pastoral trajectories of Dom Helder Câmara and Oscar Romero, two of the main figures of the “Church of the Poor”. It also proposes an explanation of the processes leading to the social conversion of both religious men.

Keywords: Liberation Theology; Church of the Poor; dictatorship; Helder Câmara; Oscar Romero.

Dom Helder Câmara, “o arcebispo vermelho” do Nordeste brasileiro que morreu em 1999 e Oscar Romero, arcebispo de San Salvador assassinado em 1980, foram certamente, na sua época, as duas figuras mais famosas do episcopado latino-americano, identificadas à corrente da teologia da libertação. No entanto, com o tempo, as diferenças foram

se apagando e o esquecimento da memória tendeu a confundi-los numa mesma trajetória, até mesmo a reconstruir, num procedimento finalista, uma coerência exagerada entre seus respectivos itinerários... a partir daquilo que se tornaram.

Ao comparar os dois percursos, o presente artigo quer tentar superar estes obstáculos e, usando da história, colocá-los à distância, introduzindo várias matizes nas suas biografias. Propõe-se revelar a similitude destes percursos, inseridos em contextos latino-americanos relativamente próximos, ao mesmo tempo em que intenta também lembrar o que distingue ambos prelados, que se tornaram ícones do progressismo católico latino-americano.

Dois itinerários de padres

Ambos são oriundos de famílias numerosas, cada uma com oito filhos, e de um meio relativamente modesto. O pai de Oscar Romero é empregado do correio e telégrafo; o de Câmara empregado nas escrituras numa casa de comércio. Nesta época, a Igreja, assim como o Exército, são instrumentos de promoção para bom número de filhos do povo, e muitas vocações são sustentadas por verdadeiras estratégias familiares. Mas isto não diz respeito aos dois casos aqui examinados.

Ao observar de perto, as diferenças entre os dois clérigos chamam a atenção. Enquanto Oscar Romero vive uma infância tradicional e pacífica na pequena cidade de Ciudad Barrios, longe de San Salvador, Helder cresce em Fortaleza, capital do Ceará, num meio culto. Sua mãe é professora, seu pai crítico teatral ocasional na imprensa local e um de seus tios, autor de peças de teatro. Sem dúvida, isto explica uma das singularidades do futuro bispo: sua abertura de espírito pouco comum e sua imensa curiosidade, em relação a todas as formas da cultura profana que participam de sua sede de viver plenamente no século. Em 1979, ele se atreveu a redigir um libreto para a *Sinfonia dos dois mundos*, para a qual o suíço Pierre Kaelin escreveu a música e, alguns anos depois, o da *Missa para um tempo futuro*, para o balé de Maurice Béjart.

Seu modo de inserção na instituição eclesiástica constitui outro de seus traços distintivos. Oscar Romero, precocemente notado, inscreve-se desde o início num itinerário promissor e sem surpresa. Permanece longamente em Roma (1937-1943) onde é ordenado. Ele

estuda teologia no Colégio Pio Latino Americano (atual Universidade Gregoriana) e empreende um doutorado sobre a mística e a teologia ascética que a guerra e sua volta apressada ao Salvador o impedirão de concluir.

Quanto ao nordestino, formado pelos lazaristas franceses em Fortaleza, ele não passa pela Cidade Eterna, mas entra na ação política, pouco depois de sua ordenação, em 1932. Até 1936, ele milita nas fileiras do movimento integralista, um fascismo tropical que tem por chefe supremo o escritor Plínio Salgado, a camisa verde como uniforme, a palavra de ordem: Deus, Pátria e Família como mística além de fortes simpatias por Mussolini. Responsável da Educação deste movimento no Ceará, o Padre Helder percorre também o Brasil para levar a boa palavra integralista. Fernando Bastos de Ávila, então jovem estudante jesuíta em Nova Friburgo (Rio Grande do Sul) onde existia um forte núcleo de simpatizantes, foi muito impressionado por sua visita:

“Eu era jovem estudante jesuíta em Nova Friburgo, onde existia um forte núcleo integralista. Ele passou por lá, com um grupo de graduados no partido. Houve uma sessão para a comunidade que constava então de uns 330 jesuítas. [...]. Dom Helder falou. Só me lembro dele, entre os que falaram. Eu, jovem estudante de uma retórica convencional, fiquei espantado ante o arrebatamento daquela oratória vibrante, daqueles gestos rasgados, abraçando todo o Brasil, simbolizado nos escudos dos diversos Estados da Federação, que ainda lá estão pintados. Vendo aquele corpo frágil, crepitante como uma chama, foi a primeira sensação que experimentei do poder da palavra humana.”³

Um peso muito desigual na Igreja latino-americana do seu tempo

O brasileiro, que nasceu em 1909, e o salvadorenho, nascido em 1917, pertencem quase à mesma geração. Entretanto, a diferença de oito anos entre os dois, acoplada a ritmos diferentes no desdobramento de suas carreiras episcopais, fez dos dois homens atores com um peso incomensurável nos grandes eventos e responsabilidades no seio da Igreja. Enquanto Helder Câmara tem um papel de primeiro plano nas mudanças do catolicismo brasileiro, continental e, até mesmo além, Oscar Romero só participa tardiamente e jamais como ator central.

Lembramos que Mgr Câmara, entronizado bispo em 1952, é o fundador e primeiro secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), de 1952 a 1964, e o iniciador, com o bispo chileno Manuel Larain, do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em 1955. Segundo vice-presidente deste mesmo CELAM, de 1958 a 1966, ele também participa das quatro sessões do Concílio Vaticano II. Ademais, é delegado do episcopado brasileiro na segunda Assembléia geral do episcopado latino-americano, em Medellín (1968) e, depois, em Puebla (1979).

Ao contrário, Mgr Romero, tardiamente levado ao episcopado (1970)⁴, não participa nem do Concílio nem da Conferência de Medellín, os dois grandes eventos fundadores da modernidade católica latino-americana. Somente a partir de 1977, data de sua ascensão ao arcebispado de San Salvador, ele tem um papel de primeiro plano no seu país e ganha ao mesmo tempo, uma notoriedade internacional.

Dois modelos de conversão social

Mgrs Câmara, e Romero de certo conheceram evoluções pessoais bastante similares que os conduziram – como numerosos clérigos latino-americanos dos anos 60-70 – do conservadorismo ao progressismo, do laço estreito com os poderosos à causa dos pobres. No entanto, se as dinâmicas são próximas, o ritmo das conversões difere profundamente. No brasileiro, a conversão foi gradual, adotando aproximadamente a cronologia do *aggiornamento* católico e, às vezes também, anunciando-o profeticamente. Ao contrário, ela é brutal e radical no arcebispo salvadorenho e, sem dúvida, pouco anterior a sua ascensão ao arcebispado da capital, em 1977.

O engajamento integralista do Padre Helder termina em 1937, pouco depois de sua transferência, a seu pedido, para o Rio de Janeiro onde ficaria vinte e oito anos. Depois da Segunda Guerra Mundial, sua estrela começa a crescer na Igreja. Ao lado do arcebispo Dom Jaime Câmara, personalidade conservadora e de pouco relevo, seu talento multiforme de organizador, de comunicador e de homem de relações públicas faz maravilhas. Ele é, de fato, o braço direito do cardeal, homem das missões delicadas, mas também aquele que, com um punhado de

clérigos e leigos, empreende de engajar gradualmente a instituição em caminhos novos.

Assistente nacional da Ação Católica, injeta-lhe sangue novo, adotando, entre 1948 e 1950, o modelo francês, belga e canadense de organização por meios específicos (universitários, rurais, operários, etc.), reduzindo assim a importância das dioceses. Ao pôr-lo em contato com os leigos católicos, a imensidão do Brasil e a grande diversidade de suas dioceses, este cargo agudiza nele o sentimento da urgência de uma coordenação do conjunto. No seu espírito e o das pessoas a sua volta na Ação Católica surge então a idéia de uma conferência nacional dos bispos. A força de convicção e o apoio decisivo do núncio Dom Chiarlo, intérprete destes desígnios numa diplomacia vaticana preocupada em reforçar, frente ao Estado, o brilho do maior episcopado latino-americano, farão o resto. Durante doze anos, Dom Helder, doravante bispo auxiliar do Rio de Janeiro (1952), ocupará o secretariado geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em outubro de 1952. Aproveitando a ampla autonomia da qual dispõe, a CNBB demonstrará posições, muitas vezes, avançadas em relação ao nível de consciência social da maioria do episcopado que se deixa persuadir que, em tempos perturbados, um mínimo de reformas é necessário.

Também nestes anos, Dom Helder faz sua “*conversão aos pobres*”, uma virada na sua vida sobre a qual ele deu muitas vezes longas explicações. No final do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional (julho de 1955), o velho cardeal Gerlier de Lyon, chocado pelas *favelas* do Rio de Janeiro, o incentiva a colocar seus talentos de organizador a serviço dos pobres. Para Dom Helder, é, no pleno sentido do termo, uma revelação. Isto deixa muito claro, seja dito *en passant*, o nível de preocupação social dos prelados naquela época! Numa evocação com um toque sulpiciano, ele conta ter beijado as mãos do cardeal antes de declara-lhe: “*É uma virada na minha vida. O Senhor verá, vou me dedicar aos pobres. Não sou muito convencido de ter capacidades de organizador excepcionais, mas tudo o que Deus me confiou, colocarei a serviço dos pobres.*”⁵ Ao lançar diversos programas sociais para as populações carentes, ele ganha o apelido de “*bispo das favelas*” que não o deixará mais e, já um princípio de renome internacional. O impulso que ele dá, no mesmo período, enquanto secretário geral da CNBB, às

iniciativas da Igreja na “região-problema” do Nordeste – programas de alfabetização e de sindicalização rural para se opor às Ligas Camponesas⁶ – contribuíram também a enriquecer seu conhecimento dos problemas sociais.

Como para muitos, a experiência do concílio é um momento decisivo de sua trajetória pastoral. Graças ao Concílio Vaticano II, ele alarga seu horizonte e define, nos traços essenciais, sua visão da Igreja e do mundo.

Sabe-se o papel, neste amadurecimento, de sua inserção no “*grupo dos pobres*”⁷ onde se encontravam bispos e padres oriundos de experiências muito diversas – padres-operários franceses, bispos missionários da Ásia ou África, prelados latino-americanos... – que tinham em comum sua sensibilidade social. Reunidos informalmente ao longo do Concílio, eles terão um papel fundamental na gênese de um dos textos mais inovadores: a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. No contato com o grupo, Dom Helder conforta sua convicção da necessidade de voltar a uma Igreja servidora e pobre, e alcança uma visão mundial dos problemas de desenvolvimento.

Sua rejeição da política dos blocos, seu terceiro-mundismo não alinhado, neutralista e não violento, ou mesmo sua aspiração a “*uma socialização personalista*”⁸, que não deixará de repetir, depois, na suas viagens internacionais, decorrem disto em linha direta.

Tratando-se de Mgr Romero, todos os testemunhos disponíveis, inclusive aqueles de seus próximos na última fase de sua vida, convergem na evocação de um bispo por muito tempo caracterizado por seu conservadorismo, seus laços estreitos com os poderes estabelecidos e até sua proximidade com o Opus Dei. Em 1970, sua nomeação como bispo auxiliar é recebida com satisfação pelos círculos dirigentes que vêem nele um útil contrapeso a Mgr Luis Chávez y González, arcebispo progressista de San Salvador. De saída, o novo prelado se coloca ao lado dos bispos que têm reservas quanto ao *aggiornamento* eclesial e à linha de Medellín encarnada pelo seu superior e Mgr Rivera, o outro bispo auxiliar. Como o escreverá mais tarde o jesuíta Ignacio Martín Baró: “*todos os indícios convergiam [em Oscar Romero] para um apostolado de tipo tranqüilo, espiritualista e puritano, mais levado a compor com os poderosos do que se fazer obstinadamente solidário dos pobres.*”⁹

Durante os quatro anos que Mgr Romero passa em San Salvador, quatro episódios contribuem para fixar sua imagem de tradicionalista.

Responsável do semanário *Orientación*, órgão oficial da diocese, ele lhe imprime uma mudança de linha mais conforme “à doutrina segura”, ao denunciar “*certas teologias à moda que apelam a pressupostos marxistas perigosos.*”¹⁰ Em reação, o campo liberacionista cria *Justicia y paz*, um boletim de informação fiel à “*opção pelos pobres*”.

No fim de 1972, designado pela maioria dos bispos, ele retoma com mão firme a direção do seminário, rejeitando a ação teológica e pastoral levada a cabo até então pelos jesuítas. A operação se solda por tal êxodo de seminaristas que o episcopado deverá se decidir, alguns meses mais tarde, a fechar o estabelecimento.

No ano seguinte, o semanário *Orientación*, sempre sob sua responsabilidade, conduz uma campanha contra a “*pretensa educação libertadora*” do colégio jesuíta de San Salvador. “*Aproveitamos*”, lê-se no semanário “*a generosidade natural de nossos jovens e as preocupações de sua idade para lança-los nos caminhos errados da demagogia e do marxismo.*”¹¹

Em 1975, Mgr Romero redige um relatório sobre a politização do clero salvadorenho que dirige à Comissão pontifical para a América latina. Mais uma vez, ele manifesta sua reserva em relação às pastorais sociais, por demais engajadas, em sua opinião. No dia 6 de agosto de 1976, por ocasião da festa nacional, na sua homilia na catedral de San Salvador, ele reitera suas críticas severas para com a teologia da libertação.

...mas modalidades idênticas de ruptura com os poderes estabelecidos

Apesar das profundas diferenças evidenciadas entre os dois itinerários, ao observar a forma como se operou a ruptura dos dois prelados em relação aos poderes vigentes – a partir de 1964, para um, de 1977, para o outro – o que impressiona é a similitude dos mecanismos e das situações. Esta lógica e estes encadeamentos poderiam sem dificuldade ser reencontrados em muitos itinerários de clérigos cujo passado, às vezes, em nada preparava para opções radicais.

Nestes dois casos, existe por parte das autoridades uma forte expectativa de colaboração em relação aos arcebispos recém nomeados. Examinemos as coisas mais de perto. Quando Dom Helder Câmara chega ao Recife para assumir sua diocese, em 11 de abril de 1964, o país está, desde o início do mês, sob o poder dos militares que depuseram o presidente Goulart. Embora tendo uma reputação de bispo social, Helder Câmara é relativamente bem acolhido pelos militares e as elites sociais que esperam que suas opções progressistas possam ajudar a curar as feridas e a pacificar os espíritos. No dia 11 de abril, a crônica do *Jornal do Comercio* do Recife expressa perfeitamente as apreensões suscitadas por sua nomeação, mas também o que se esperava dele:

“A verdade é que antes se admitia o risco de que o trabalho de Dom Helder fôsse (como na verdade já vinha sendo sua simples indicação) aproveitado e explorado pelos que pregavam a agitação, que a quisessem fazer, inclusive, a sombra das Encíclicas papais e da magnífica figura de João XXIII.

Agora nem esse risco (que a alguns talvez se afigurasse até um inconveniente) existe mais [...]. Assume o novo Arcebispo no momento exato em que os Chefes Militares, classes produtoras, as senhoras pernambucanas se decidem (tendo, na verdade, já iniciado) a um amplo trabalho de assistência e promoção do homem, levando a todos a mensagem da solidariedade democrática e da fraternidade cristã [...]. O trabalho que se há de fazer agora é exatamente o de mostrar e convencer aos mais humildes que não será naquele clima de violências e ódios que encontraríamos solução para nossos problemas, impondo-se antes a união de todos quando o problema não é de uma ou de outra classe mas o de toda uma região durante muito tempo espoliada que temos a resolver.”¹²

No caso da designação de Mgr Romero como arcebispo de San Salvador, em fevereiro de 1977, as coisas são ainda mais claras. Levando em conta seu passado pastoral, com o anúncio de sua nomeação, a decepção dos progressistas é grande¹³ e viva a satisfação dos poderes vigentes. Um laico católico engajado traduz bem a maneira como o seu lado percebeu então esta promoção:

“Desde fines del 76 sabíamos que Roma estaba en consulta buscando nuevo arzobispo, porque a Chávez

le tocaba renunciar por la edad. El nuncio promovió la candidatura de Romero y consultó al gobierno, a los militares, a los empresarios, a las damas de sociedad. Le preguntaron a los ricos y los ricos dieron todo el apoyo al nombramiento de Romero. Sentían que era uno ‘de los suyos’”.¹⁴

Enquanto Mgrs Câmara e Romero estavam mais propensos, tanto pela sua função quanto pelo seu caráter, ao apaziguamento e à conciliação, como compreender a firmeza crescente de suas tomadas de posição que os conduziu, em muito pouco tempo, a serem percebidos como inimigos dos regimes vigentes?

A violência social e política que existe tanto em Pernambuco quanto no Salvador é, sem dúvida, a primeira das chaves para entender o rápido engajamento dos dois prelados, em nome de sua concepção do evangelho. Naturalmente, não há nenhum determinismo nestas opções: basta lembrar, para se convencer disto, o comportamento do episcopado argentino sob a ditadura, de 1976 a 1983!

Num clima exacerbado de guerra fria, esta escolha da resistência, conduz, por sua vez, à demonização dos dois bispos, assimilados ao “*inimigo interior*” e ao comunismo internacional.

Em Pernambuco, onde a mobilização popular havia sido forte nos anos anteriores ao *golpe* – desenvolvimento das Ligas Camponesas, do sindicalismo camponês, governo popular e reformista de Miguel Arraes¹⁵ - reina a repressão mais feroz do país. Nas semanas que seguiram o golpe, conjuntamente os novos dirigentes militares e as oligarquias açucareiras se vingam: milhares de prisões, desaparecimentos numerosos e caça às bruxas sistemática entre os servidores públicos. Dezenas de leigos engajados nos programas de alfabetização do Movimento de Educação de Base (MEB),¹⁶ assim como militantes da Juventude Operária Católica (JOC), sofrem perseguições e prisões enquanto que quatro padres da diocese se exilam. Nos anos de 1969 a 1977, a repressão volta a se intensificar. Para tratar apenas da Igreja: numerosos leigos ligados à pastoral são vítimas de seqüestros, prisões, e até mesmo tortura, e sete padres foram perseguidos de diversas maneiras – seqüestros, prisões, tortura, condenação pela Justiça militar ou processo de expulsão.¹⁷ Numa carta circular a seu clero e aos católicos da diocese, em 1º de

maio de 1972, Dom Helder Câmara descreve nesses termos o clima de terror que reina então no Recife:

“Em nossa cidade se vem multiplicando desaparecimentos, seqüestros e prisões, sobretudo de Operários e Estudantes. E aqui registramos um primeiro motivo de nossa intervenção e denuncia como Pastores: nem mesmo a Lei de Segurança e os próprios decretos de apos-ato institucional nº5 vem sendo respeitado. Só raramente há identificação por parte dos encarregados das capturas. Jamais ha apresentação de ordem de prisão, devidamente datada e assinada por Autoridade competente e com indicação de motivos. Ou se prendem nas residências ou, no caso de operários e operárias, em pleno horário de trabalho, como aconteceu em Fábricas como as da Torre, Pilar e Santista – deixando a impressão de tratar-se de terroristas e agitadores perigosos. O tratamento já é de desnecessária e extrema violência, havendo casos de depredação, quando se trata de residências. Regra geral, se usam viaturas sem identificação oficial.

É fácil imaginar o pânico em que ficam as famílias, sem a mais leve indicação do local para onde estão sendo arrebatados seus entes queridos. Inutilmente peregrinam, depois, pelas numerosas dependências policiais ou militares, estaduais ou federais, onde supõem poder encontrar as vítimas. O pressuposto é que se trata de terroristas e de que estes não merecem a mais leve consideração.”¹⁸

Durante estes anos sombrios, o episódio mais dramático ocorre no dia 26 de maio de 1969 quando, a guisa de advertência a Dom Helder, Henrique Pereira Neto, um jovem padre da diocese, é assassinado. O crime foi tramado nos círculos policiais da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco.¹⁹ O funeral, acompanhado por uma multidão de 5 a 10.000 pessoas, se transformaria numa imponente e grave manifestação contra o regime.

No Salvador, o nível de violência é superior àquele de Pernambuco. No dia 20 de fevereiro de 1977, duas semanas após a designação de Oscar Romero ao arcebispado de San Salvador, o general Carlos Humberto Romero,²⁰ ligado às oligarquias hostis à reforma agrária, ganhara as eleições por meio de fraudes. Nos dias seguintes, a

repressão de uma manifestação de oponentes na capital terminou com duzentos mortos. A espiral de violência sem precedente que começa então, leva ao desaparecimento de dezenas de responsáveis políticos e sindicais. Durante o breve mandato episcopal de Mgr Romero, apenas três anos, quatorze padres, religiosos e religiosas são assassinados.

A segunda chave para analisar as condições da ruptura com os defensores da ordem social remete à função de porta-voz exercida tanto por Helder Câmara quanto por Oscar Romero. Transformados em tribunos da sociedade civil, são eles que revelam, numa sociedade sob controle, aquilo que ninguém mais pode expressar, pelo menos com tamanho impacto. Assim eles exercem, no sentido forte do termo, um papel de pedagogos políticos. Em parte contra suas próprias vontades, estes porta-vozes são também porta-bandeiras, transformados em símbolos da oposição ao regime, profetas que abalam simbolicamente a ordem estabelecida.

Armado de convicções e de um engajamento social já antigo, desde o início, Dom Helder Câmara conduz, ao mesmo tempo, uma luta pelos direitos humanos e a justiça social. Desde seu primeiro discurso no Recife, pronunciado frente às autoridades, em 11 de abril de 1964, a opção pelos pobres é presente, muito antes de sua popularização pela Conferência de Medellín:

“Claro que, amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres. No julgamento final, nós todos seremos julgados pelo tratamento que tivermos dado a Cristo, a Cristo, na pessoa dos que têm fome, tem sede, andam sujos, machucados e oprimidos [...] De nada adiantará venerarmos belas imagens de Cristo, digo mais, nem bastará que paremos diante do Pobre e nele reconheçamos a face desfigurada do Salvador, se não identificarmos o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento.

Por estranho que a alguns pareça, afirmo que, no Nordeste, Cristo se chama Zé, Antonio, Severino...

‘Ecce Homo’: eis o Cristo, eis o Homem! Ele é o homem que precisa de justiça, que tem direito a justiça, que merece justiça.”²¹

Para Mgr Romero, seu caminho de Damasco, parecido com a conversão de Paulo, ocorre a partir da causa dos direitos humanos. Ela lhe abre a via de uma consciência social, sem dúvida preparada pelos dois anos (1975-1976) passados a administrar a diocese rural de Santa Maria, longe da capital, no contato cotidiano com a miséria e a opressão sofrida pelo campesinato. O assassinato, no dia 12 de março de 1977, por capangas a serviço dos grandes proprietários,²² do padre jesuíta Rutilo Grande, um de seus amigos, e de um camponês e seu filho que o acompanhavam, é o elemento que deslancha sua radicalização. Como escreveu o teólogo Jon Sobrino:

“Na idade 59 anos, quando em geral as pessoas já forjaram sua atitude e sua estrutura mental, e mais ainda quando se trata do poder episcopal que, como qualquer poder, tende a se estabelecer e a se impor [...] ele foi capaz de mudar de pensamento e de modo de vida. Ele se tornou outro. Ele vibra de maneira forte e nova para os cristãos, ele compreendeu de forma totalmente nova e diferente seu ministério episcopal.”²³

Para ele, doravante, as vítimas da repressão deixaram de ser anônimas e, no fio das semanas, ele mede o tamanho da colusão entre o poder e as grandes famílias para assegurá-lhes a impunidade. Após ter exigido das autoridades que esclareçam o crime, Mgr Romero suspende todo diálogo da Igreja com o Estado até a resolução do caso.

Como protesto e contra a opinião do núncio, ele desmarca as missas do domingo 20 de março, em todas as paróquias da diocese de San Salvador, com exceção de “*uma missa única*”, na catedral, onde estão convidados todos os fieis. Na esteira, e em sinal de protesto, ele ordena o fechamento de todos os colégios católicos durante três dias. Convencido da duplicidade do poder, o arcebispo recusa-se doravante a aparecer nas cerimônias públicas na presença do Exército e do governo até a detenção dos culpados pelo assassinato de Rutilo Grande. Assim, em 1º de julho de 1977, ele escolhe, num gesto sem precedente nos anais da Igreja salvadorenha, não assistir à cerimônia onde o presidente Molina passou o poder a seu sucessor, o presidente Romero.

Neste confronto com os poderes estabelecidos, ele reforça os laços com as organizações populares, adota a causa da reforma agrária

e tenta mesmo, sem muito sucesso, de defender junto à nunciatura a causa das organizações camponesas sofrendo perseguições. Na sua carta pastoral de 6 de agosto de 1978,²⁴ sobre “*a Igreja e as organizações políticas populares*”, o bispo outrora reservado a respeito da linha de Medellín, junta-se à opção pelos pobres. Ele denuncia as “*desigualdades gritantes no país*” e reafirma com força a identificação da Igreja à causa evangélica do projeto de libertação.

Enfim, a terceira chave para compreender a hostilidade crescente das autoridades em relação aos dois bispos baseia-se certamente na sua projeção internacional. Suas denúncias, notadamente em matéria de direitos humanos, afetam seriamente a imagem de regimes à procura de respeitabilidade e cuja legitimidade era frágil.

No caso de Dom Helder, visto que estava impossibilitado de se expressar no Brasil, ele multiplicou as viagens e conferências no exterior. Das 114 conferências que pronuncia entre 1969 e 1977, 104 o foram fora do país. Em Nova Iorque, Paris, Tóquio ou Genebra as salas são sempre pequenas demais para ouvir este clérigo incomum, de aparência física frágil, que coleciona doutorados *honoris causa* e prêmios internacionais. Com uma voz doce e arrastada, mas que pode ser veemente, ele retoma os mesmos temas esperados em um francês ou inglês hesitantes, com grande exuberância de gestos. Seus dotes de orador, sua imagem de resistente, a simplicidade de uma mensagem essencialmente moral à qual é difícil não subscrever e, sem dúvida também, a má consciência do Ocidente que ele pretende despertar, fazem a extraordinária popularidade deste homem de Igreja que fala tão pouco de religião.

Na conferência que pronuncia no Palais des Sports em Paris, no dia 26 de maio de 1970, um ano exatamente após o assassinato do Padre Henrique, e a pedido de seus anfitriões, ele denuncia a existência da tortura no Brasil. Isto firma definitivamente sua marginalização e a sua transformação num dos principais inimigos públicos pelo regime militar. “O arcebispo vermelho” torna-se então a encarnação da anti-nação²⁵ e a ditadura conduz contra ele uma impressionante campanha internacional para fazer obstáculo a sua designação para o Prêmio Nobel da Paz, para o qual seu nome é freqüentemente citado.²⁶ A argumentação central consiste em afirmar que seria incoerente conceder este prêmio

a um antigo militante fascista dos anos 1930, que se tornou depois um extremista de esquerda, apóstolo da violência.

No próprio Brasil, o artigo abaixo mencionado, publicado em plena febre ufanista após a vitória brasileira no *Mundial* do México, em junho de 1970, traduz bem a animosidade da qual é alvo:

“Aquela nação que um bispo vermelho a serviço do diabo, vem mostrando as platéias de Europa e da América, como se fosse um vasto campo de concentração, onde os presos são torturados, as crianças fossam nas latas de lixo como porcos e os padres são mortos nas ruas como os índios nas selvas, dirigida por Torquemadas ávidos de sangue, cujas forças armadas pream e dizem os outros povos como corsários imanes, enfim uma nação, como a que d. Helder Câmara reiterada e amiudadamente pinta nas capitais estrangeiras, não poderia jamais apresentar a 800 milhões de pessoas a mocidade sem complexos, sadia, heróica, lépida, inteligente, generosa, assombrosa, viril, que fascinou e empolgou as multidões de todas as raças e credos, embriagando o mundo de admiração e entusiasmo. Se o Brasil fosse o que o aloucado padre esquerdista descreve nunca estaria em condições de apresentar os atletas invencíveis, cuja energia combativa se identifica com a energia nacional, a que realizou a unidade deste colosso e marcha, a passos largos, para o futuro.”²⁷

Ao contrário do arcebispo do Recife, Oscar Romero beneficia de uma fama internacional repentina e tardia. Em fevereiro de 1978, recebe o doutorado *honoris causa* da Universidade Católica de Georgetown. Para melhor significar a importância desta consagração pública internacional, as autoridades universitárias estado-unidenses se deslocam até San Salvador para uma cerimônia que se transforma em grande manifestação popular e injúria para o regime do general Romero. Enquanto nenhum diário a cobriu, um testemunho jesuíta conta:

“Havia gente por todo lado, nas praças e nas ruas adjacentes à catedral, como nos maiores momentos, por exemplo, no funeral do P. Grande. Os camponeses vieram em ônibus e caminhões alugados desde Aguilarés, Opico, El Paisnal, Ciudad Arce, San Martín, Chalatenango, La Libertad, Quetzaltepeque. No centro da catedral, havia

um enorme grupo de mães de presos políticos, de mortos e desaparecidos no decorrer do ano passado e começo deste ano. Havia centenas de catequistas camponeses, com cartazes por vilarejo e município, e membros dos Cursilhos de Cristiandade ; representantes do movimento ecumênico de El Salvador com as seguintes igrejas: adventista, batista, episcopal, luterana, Profecia universal, Igreja de Cristo, etc. Nem o bispo de San Miguel, capelão do Exército, nem o núncio apostólico estão na platéia.”²⁸

Em dezembro, um grupo de parlamentares britânicos, sensíveis aos apelos do arcebispo a favor de uma solução negociada a fim de evitar o caos e a guerra civil no Salvador, propõem seu nome para o prêmio Nobel da Paz.

Em janeiro-fevereiro de 1979, é como símbolo de uma Igreja resistente e mártir que ele participa à terceira conferência do episcopado latino-americano de Puebla. A intensidade de seu testemunho – “*Vou para Puebla com quatro cadáveres de padres nos braços.*”²⁹ – vale-lhe uma carta de apoio admirativo assinada por cerca de cinquenta bispos. Ela começa por estas palavras:

“Sabemos que o Senhor colocou nos seus ombros a carga episcopal da diocese de San Salvador ,no momento preciso em que começavam o assédio, uma verdadeira perseguição em palavras e atos contra sua Igreja, que trabalhava em favor da libertação cristã de muitos salvadorenhos empobrecidos e oprimidos, privados de fraternidade e, deste modo, era-lhes escondido o rosto de Deus nosso Pai.

Durante estes dois anos, seguimos, na solidariedade, a evolução de seu engajamento ao lado dos pobres. O Senhor assumiu cada vez mais seus problemas e as lutas dos camponeses e trabalhadores com quem uma minoria agarrada à riqueza e ao poder, não quer compartilhar na igualdade.”³⁰

Voltando do México, ele torna-se um interlocutor privilegiado da embaixada dos Estados Unidos que o considera, cada vez mais, um árbitro plausível no conflito salvadorenho. Em 2 de fevereiro de 1980, ele torna-se doutor *honoris causa* pela Universidade Católica de Louvain e, em 9 de março, ele recebe o prêmio da Paz da Ação ecumênica da

Suécia. Tantas distinções indispõem muito o regime, doravante visado pelos Estados-Unidos de Carter, na questão dos direitos humanos, e ameaçado de perda dos financiamentos militares.

No entanto, este reconhecimento internacional, infelizmente, não conseguiu proteger Oscar Romero do pior. Mas é verdade também que ele não dispôs diferentemente de Dom Helder, da solidariedade de sua conferência episcopal³¹ – quatro dos seis bispos salvadorenhos eram-lhe hostis – nem do apoio e, *a fortiori*, da amizade de um papa.³² Relativamente isolado, num momento em que as soluções que tendiam a se impor eram aquelas preconizadas pelos setores militares salvadorenhos da *mano dura*, ele tornou-se mais vulnerável.

A noite do dia 24 de março, enquanto celebra uma missa fúnebre numa modesta capela e termina de ler a parábola do grão de trigo que precisa morrer para germinar, Oscar Romero é assassinado, atingido por uma bala no peito atirada com fuzil com mira telescópica. Na véspera, na sua homilia dominical na catedral de San Salvador, ele criticara a junta militar ordenando-lhe de cessar a repressão contra os camponeses e conjurando os soldados de não obedecer “*a ordens que fossem contra a lei de Deus.*”³³

Conclusão

Vinte e nove anos após o assassinato de Oscar Romero e dez anos após a morte de Dom Helder, enquanto o cristianismo da libertação encolheu, qual é seu lugar na memória coletiva? Se considerarmos como índice confiável as ocorrências da internet (*google*), é preciso constatar que a figura de mártir de Oscar Romero (1.780.000 ocorrências) ultrapassa em muito aquela do construtor, Dom Helder (891.000).

Na América latina, contudo, nos círculos ligados à Igreja dos pobres, ambos continuam a constituir pontos de referência emblemáticos e maiores. No Salvador, uma grande devoção envolve a figura daquele que a *vox populi* beatificou há muito tempo como “São Romero das Américas” e seu rosto está nos muros dos bairros populares. Em compensação, o episcopado salvadorenho, no seio do qual o *opus dei* é bem representado, permanece prudente no manuseio de sua imagem. Nisso, o comportamento da CNBB é muito diferente: mais engajada socialmente que seu equivalente salvadorenho, ela participa pelas suas

iniciativas da perpetuação da memória de Dom Helder. Em 2002, ela criou um prêmio anual levando seu nome, que recompensa jornalistas pelas suas iniciativas cidadãs; em 2005, ela fundou um “Centro Nacional de Fé e Política, Dom Helder Câmara”, que forma leigos. Enfim, no contexto das comunidades de base que estão longe de ter desaparecido no Brasil, a memória de Dom Helder permanece viva como testemunha a leitura dos textos oriundos de encontros nacionais.³⁴

Em Roma, no pontificado de João Paulo II, nem um, nem o outro beneficiaram de grande crédito visto que eles encarnavam, na Igreja, uma linha que era combatida por Roma. Oscar Romero, no clima salvadorenho de extrema violência, nunca conseguiu realmente ser entendido pela nunciatura e pelo papa.³⁵ Em 1985, Dom José Cardoso, bispo conservador e de espírito estreito, oriundo de uma obscura diocese de Minas Gerais, foi escolhido pelo Vaticano para suceder a Dom Helder. Em 1995, um clérigo espanhol, membro da Opus dei, Mgr Saenz Lacalle, era nomeado arcebispo de San Salvador.

Entretanto, a respeito de Mgr Romero, houve evolução recente. Sua beatificação próxima foi evocada com insistência enquanto que, por muito tempo, o Vaticano a havia mantida engavetada?³⁶ A causa **começou** a avançar em 2000, sob pressão do imenso fervor popular, quando João-Paulo II acresceu o nome do arcebispo de San Salvador à lista dos mártires cujo nome foi citado por ocasião da homenagem jubilar aos “*testemunhos da fé*”, no dia 7 de maio, no Coliseu de Roma. Desde então, até mesmo bispos antes hostis à sua beatificação haviam concordado, portanto, que fosse enfatizada a grande piedade do pastor, morto por seu rebanho e que fosse edulcorada sua figura de toda dimensão sociopolítica.

Será que o anúncio da condenação, em 15 de março de 2007, do teólogo da libertação espanhol Jon Sobrino por sua cristologia julgada heterodoxa³⁷ não ameaça comprometer a causa de Romero? Instalado há muito no Salvador, este próximo do arcebispo na última etapa de sua vida, havia exercido grande influência sobre o prelado para o qual tinha até mesmo redigido cartas pastorais e discursos.³⁸ Não é possível excluir inteiramente que os setores conservadores da cúria – encabeçados por Mgr Lopez Trujillo, que havia designado Romero e Sobrino como alvos

– aproveitem a oportunidade para levantar o espantallo de um Romero revolucionário a fim de enterrar definitivamente sua causa.

Notas

¹ Tradução de Christine Rufino Dabat. Revisão do português Michel Gomes da Rocha.

² Richard Marin é professor da Universidade de Toulouse, atuando no Laboratoire FRAMESPA - UMR 5136. O presente artigo será publicado, na sua versão francesa, na *Revue Clio*, Université Catholique de Louvain.

³ Testemunho citado in: CASTRO, Marcos de. *Dom Hélder, O Bispo da Esperança*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978, p. 153.

⁴ Convém, no entanto, sublinhar que desde 1967, Oscar Romero acede a um primeiro cargo importante, ao tornar-se secretário geral da conferência episcopal salvadorenha.

⁵ CÂMARA, Dom Hélder. *Les conversions d'un évêque*. Entretiens avec J. de Broucker. Paris: Seuil, 1977, p. 141.

⁶ As primeiras Ligas Camponesas se organizam no meio dos anos 1950, na zona canavieira de Pernambuco, sob a direção do advogado Francisco Julião. Sua luta inicial, centrada no respeito à lei, se radicaliza aos poucos. Elas reivindicam a reforma agrária e se difundem em uma dezena de Estados da federação. Denunciadas pela imprensa brasileira e dos Estados Unidos como anunciando um empreendimento subversivo de envergadura, elas ganham uma notoriedade internacional. Do mundo inteiro, os jornalistas vem para entrevistar Julião, o “Castro nordestino”, contribuindo à dar ao fenômeno uma dimensão exagerada que será utilizada para justificar o *golpe*.

⁷ Entre os participantes mais ativos, no círculo do Padre Gauthier, missionário na Palestina, encontram-se Pierre Maury, delegado apostólico de Dakar, o cardeal Gerlier de Lyon, Charles Himmer, bispo de Tournai, Georges Hakim arcebispo de Nazareth, Mgr Mercier, bispo do Saara, episodicamente o abade Houtart ou o Padre Congar e, naturalmente Dom Hélder.

⁸ “Exame de admissão”. Texto de Dom Hélder citado In: POTRICK, M. H. B. et al. *Dom Hélder. Pastor e Profeta*. São Paulo: Paulinas, 1983, pp. 138-145

⁹ ANTOINE, Charles. *Le sang des justes. Mgr Romero, les jésuites et l'Amérique latine*. Paris: Desclée de Brouwer, 2000, p. 65.

¹⁰ Idem, p. 66.

¹¹ Idem, p. 67.

¹² “O pastor e o rebanho”. *Jornal do Comercio*. Recife, 11.04.1964.

¹³ Eles esperavam a nomeação de Mgr Arturo Rivera Damas, bispo auxiliar de Mgr Chavez.

¹⁴ “El Salvador, El Bautismo de pueblo de Monseñor Romero”. *Envío*. Revista digital, Universidad Centroamericana (UCA). San Salvador, n° 135, mars 1993. <http://www.envio.org.ni/articulo/774>, acessado em 08.03.2007.

¹⁵ Prefeito do Recife de 1960 a 1962, em seguida governador até o golpe que o levará à prisão e ao exílio, Miguel Arraes, apoiado pela esquerda agrupada na Frente do Recife, retira pela primeira vez o poder às oligarquias açucareiras.

¹⁶ O Movimento de Educação de Base nasceu em março de 1961, por meio de um acordo entre o Estado e a CNBB. Ele propõe estender a todas as áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a rede de escolas radiofônicas funcionando já em quatro dioceses. O projeto original do MEB, marcado de moderação e colocado sob a tutela de um longínquo conselho nacional de dez bispos, evolui rapidamente, num contexto de forte politização, sob o impulso de jovens militantes da Ação Católica, rumo a uma alfabetização- conscientização com a qual a maioria dos bispos não concorda. Logo após o golpe, Paulo Freire, criador da alfabetização cidadã, é submetido a interrogatórios intermináveis, e passa sessenta dias na cadeia. Ele é acusado de querer, com seu método, “bolchévizar o país”.

¹⁷ Para maiores detalhes, ver: MARIN, Richard. *Dom Hélder Câmara, les puissants et les pauvres*. Paris: L’Atelier, 1995, cap. VI: “Une minorité d’Eglise persécutée et résistante.”

¹⁸ “Carta circular do Arcebispo de Olinda e Recife”. *SEDOC*. Julho de 1972, pp. 121-122.

¹⁹ Ver CUNHA, Diogo. *Estado de exceção, Igreja católica e repressão : O assassinato do padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

²⁰ Nenhum parentesco com o arcebispo.

²¹ Mensagem de Dom Hélder Câmara na tomada de posse como arcebispo de Olinda e Recife, 12.04.1964, In: POTRICK, M. H. B. et al. *Dom Hélder*. Op. cit., pp. 118-128.

²² Esta denunciada exploração dos assalariados rurais, numa homilia, deve ter significado sua condenação à morte.

²³ BARROS, Marcelo. “El Salvador. Il y a vingt-cinq ans, Mgr Oscar Romero était assassiné”. *ADITAL*. 23 fevereiro de 2005, traduzido In: *DIAL* N° 2791, 16-31 março de 2005. http://www.elcorreo.eu.org/article.php3?id_article=2424, acessado em 08.03.2006.

²⁴ A carta pastoral é co-escrita com Mgr Rivera, seu antigo auxiliar que se tornou bispo de Santiago de Maria.

²⁵ O tom geral é dado pelo próprio título de alguns artigos: “Dom Hélder e a onda anti-Brasil” (*O Globo*, 01.07), “Na Europa só se fala mal do Brasil” (*O Estado de São Paulo*, 02.07); “A bandeira insultada” (*O Estado de São Paulo*, 19.07); “Hélder não diz verdades sobre Brasil” (*Diário de Pernambuco*, 29.07); “Traidores de batina” (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 18.09).

²⁶ Em outubro, os membros do júri de Estocolmo finalmente distinguiram o agrônomo americano Ernest Borlaug, um dos pais da “revolução verde”. Não se pode excluir que a campanha contra Dom Hélder, apoiada no mais alto nível do Estado, tenha tido um papel nesta decisão.

²⁷ JORGE, S. “Dom Hélder e a copa do mundo”. In: *O Estado de São Paulo*. 30.06.1970.

²⁸ Citado por ANTOINE, Charles. *Le sang des justes*. Op. cit., pp. 100-101.

²⁹ Citado por TINCQ, Henri. “L’Eglise en Amérique latine. Un catholicisme en quête de nouveaux prophètes”. In: *Le Monde*. 10-10-1992, p. 8.

³⁰ Citado por ANTOINE, Charles. *Le sang des justes*. Op. cit., pp. 111-112.

³¹ Embora, de 1964 a 1968, a CNBB mude num sentido conservador, ela não diminui em geral sua solidariedade ao arcebispo de Pernambuco. Após esta data, a conferência episcopal, que faz sua a linha da teologia da libertação, lhe dá um apoio firme.

³² No começo dos anos 1950, Hélder Câmara era amigo de Mgr Montini, um dos principais colaboradores de Pio XII. Quando papa sob o nome de Paulo VI, serviu de escudo ao arcebispo de Recife, o regime não se atrevendo a atingir sua integridade física. Quando começa o pontificado de João-Paulo II, em 1978, que não apreciava a teologia da libertação, o Brasil entra na via da transição democrática. Oscar Romero, recebido pelo papa em 7 de maio de 1979 para informá-lo dos eventos dramáticos do Salvador, foi aconselhado a procurar a conciliação com o governo. Muito decepcionado pela entrevista, ele confia a jornalista espanhola Maria Lopez Vigil que relatou o episódio em: *Piezas para un Retrato*. San Salvador: UCA Editores, 1993.

³³ Citado por TINCQ, Henri. “Des témoins de la foi dans un monde sans Dieu”. In: *Le Monde*, 26.08.1999.

³⁴ Assim, por oportunidade do Xº Encontro intereclesial das comunidades eclesiais de base do Brasil, Ilhéus (BA, 11-15 de julho de 2000), uma das seis oficinas levava o nome de Dom Hélder Câmara, apresentado como “o profeta pioneiro da igreja dos pobres”. “CEBS du Brésil. 10ème Rencontre Interecclésiale des Communautés de Base”. Lyon: bulletin DIAL, N° 2399, Septembre 2000.

³⁵ Ver VIGIL, María López. *Piezas para un retrato*. Op. cit.

³⁶ A causa da beatificação de Mgr Romero foi iniciada pouco tempo depois de sua morte. Sua fase diocesana terminou em fevereiro de 1996, por ocasião da segunda viagem de João-Paulo II no Salvador. Mas a causa permaneceu engavetada por muito tempo. Diferentemente do franquista Escrivá de Balaguer, fundador da Opus Dei, que conheceu uma canonização-express: morto em 1975, beatificado em 17 de maio de 1992, canonizado no dia 6 de outubro de 2002, na praça de São Pedro.

³⁷ Jon Sobrino, jesuíta espanhol oriundo do País basco, foi objeto de uma “*notificatio*”, na quinta feira 15 de março, pela congregação para a doutrina da fé. Suas obras sobre Jesús (em 1991 e 1999) são acusadas de enfatizar por demais a dimensão humana de Cristo em detrimento de sua “*dimensão divina*”. Elas apresentam, portanto, “*notáveis divergências com a doutrina da Igreja*”. Mgr Fernando Saenz Lacalle, arcebispo de San Salvador, proíbe o Padre Sobrino de ensinar e publicar, até a revisão exigida de seus escritos sobre Jesus.

³⁸ Sobre tudo a segunda carta pastoral de Oscar Romero, em 1977 e o discurso pronunciado em Louvain, no dia 2 de fevereiro de 1980, quando recebeu o doutorado *honoris causa*. Carta de Jon Sobrino ao Padre Kovenbach, superior geral dos Jesuítas, 14.03.2007. Redes Cristianas: <http://www.redescristianas.net/2007/03/14/carta-de-jon-sobrino/>, acessado em 25.03.2007.